

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT13 Marcadores sociais da diferença em articulação: gênero, sexualidade, raça, classe, geração e/ou deficiência produzindo diferenças e desigualdade.

### **“De médico a monstro”: a mudança da narrativa midiática no caso de Roger Abdelmassih**

Laís Ambiel Marachini<sup>1</sup> - Universidade de São Paulo

#### **Resumo**

Este artigo trata do resultado de um projeto de iniciação científica concluído em agosto de 2017, dentro da área de Antropologia Social, que teve como fim entender a abordagem midiática sobre o caso do médico Roger Abdelmassih, acusado de estuprar e assediar suas pacientes. A pesquisa analisou como o caso foi retratado; como a imagem até então de uma celebridade se alterou com as denúncias; como foi descrito o tipo de crime do qual ele era acusado; e se estas imagens mudaram ao longo do período. O objetivo é demonstrar a articulação da imprensa para a construção do crime, da vítima e do criminoso. Exponho como esses três elementos articulados foram fundamentais para justificar publicamente a condenação.

**Palavras chave:** Mídia; Gênero; Sexualidade; Reprodução; Violência Sexual.

#### **Introdução**

Este artigo apresenta a análise midiática do caso de Roger Abdelmassih, médico acusado de estuprar e assediar suas pacientes. A pesquisa foi realizada a partir da sistematização de matérias de imprensa hegemônica (escrita, televisiva e eletrônica),

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, foi bolsista PIBIC/CNPq. lais.marachini@usp.br. Orientanda da professora Heloisa Buarque de Almeida, do departamento de Antropologia da USP. hbuarque@usp.br.

em uma grande tabela qualitativa, desenvolvida durante projeto de iniciação científica. Entendo aqui mídia hegemônica como aquela que apresenta grande circulação e uma produção de empresa comercial, apoiada em anunciantes (ALMEIDA, 2013). Dentre as matérias coletadas, o jornal Folha de São Paulo, os portais online da Globo e os programas de variedade como Fantástico e Domingo Espetacular foram os que mais se destacaram na produção de resultados. São matérias que circulam em formato tradicional, por isso, pode-se dizer que dentro dessa categoria de mídia hegemônica, há uma subcategoria: a mídia tradicional.

Além disso, a partir da organização dessas matérias em marcos temporais, pude desenvolver uma linha do tempo sobre o caso em questão, o que caracteriza a história criminal e se relaciona com o andamento de seu processo judicial. Abdelmassih atuou em sua clínica de reprodução assistida localizada em São Paulo durante vinte anos e neste período, ganhou espaço na mídia por meio de programas televisivos como o programa de Hebe Camargo e de Amaury Júnior. Quando as suspeitas da prática de crime sexual por parte do médico começam a aparecer na imprensa, há uma mudança de tom nas matérias que representa uma transformação lenta da imagem do personagem principal, até então o “médico das estrelas”, em “monstro estuprador”. O retrato do personagem produzido pelos discursos midiáticos está sujeito a alterações. Além disso, são articuladas nesses discursos as categorias sexuais, como assédio, estupro e violência sexual, que por serem construções sociais também se alteram conforme o contexto histórico, social e temporal.

Assim, por meio da análise das matérias coletadas, dois grandes momentos de Roger Abdelmassih na mídia hegemônica se destacam: o período em que ele é o personagem “grande médico”, o especialista em reprodução assistida (1994-jan/2009) e, a partir da primeira matéria publicada sobre a suspeita de crime sexual<sup>2</sup>, o momento em que este mesmo personagem vai sendo construído como “estuprador em série” (2009-2017).

Há cinco picos ou ondas que delineiam a trajetória de transformação da figura

---

<sup>2</sup> Matéria impressa disponível online da Folha de São Paulo, intitulada “Médico é investigado por supostos crimes sexuais”, do dia 09/01/2009, seção cotidiano, página inteira C5. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0901200925.htm> Acessado em 10/04/2018.

de um “grande médico” para um “estuprador em série”, que aos poucos vai tomando forma, pois a cada novo fato (denúncia, prisão preventiva, condenação, fuga do país, recaptura) gera-se uma nova onda de notícias. A primeira onda é definida pelo período da denúncia, a partir da visibilidade que as acusações de crimes sexuais contra Abdelmassih tomam. O segundo pico se dá com a prisão preventiva, caracterizando o período do julgamento. O terceiro pico representa o período de fuga do ex-médico. Há uma pausa na passagem desta fase para a próxima porque a ausência de novas descobertas de seu paradeiro provoca, aos poucos, a desaparecimento do caso na mídia. Assim, a quarta onda surge com a captura do médico no Paraguai, e a partir disso, seu desdobramento na imprensa hegemônica. Por último, a quinta onda vem sendo construída em razão da concessão de uma liminar por Laurita Vaz, presidente do STJ (Superior Tribunal de Justiça), quanto ao cumprimento da pena em prisão domiciliar, que se tornou definitiva<sup>3</sup>.

Enquanto a imagem de Abdelmassih se altera com as denúncias, as vítimas ganham, aos poucos, espaço na mídia, atuando conforme os rumos que a história criminal do réu vai tomando. Por exemplo, a quarta onda ou o período da captura de Roger no Paraguai é o momento do “auge do horror” perpetrado por ele, e, ao mesmo tempo, é o alcance daquilo que até então era aclamado com fervor pelas vítimas: o ato de “fazer a justiça”. Justiça para elas significa, a princípio, ver o criminoso preso.

### **O “grande médico”: o estrelato de Roger Abdelmassih**

As matérias situadas no período de “grande médico” apresentam um perfil propagandístico em que o próprio médico promove a si mesmo, sendo a “imagem central de sua clínica” (RAMÍREZ-GÁLVEZ, p.145, 2003). Nota-se à quatro elementos presentes nas notícias analisadas: (1) o uso de números para demonstrar a quantidade de bebês “fabricados” e de tratamentos realizados em sua clínica; (2) as indicações por

---

<sup>3</sup> Matéria online do portal Metrôpoles, intitulada “Roger Abdelmassih ganha direito à prisão domiciliar definitiva”, do dia 22/02/2018, disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/justica/roger-abdelmassih-ganha-direito-a-prisao-domiciliar-definitiva>. Acessado em 18/04/2018.

atores globais e cantores famosos, como Roberto Carlos<sup>4</sup>, que fazem parte do merchandising do principal produto oferecido pela clínica de Abdelmassih: a fertilização *in vitro*; (3) a demonstração de exemplos de mulheres comuns, ou seja, não famosas e facilmente identificáveis como principal público-alvo (as mulheres de classe média-alta), que engravidaram em sua clínica e recomendam; e (4) por último, o retrato do tratamento de fertilização *in vitro* enquanto solução mágica para o problema representado como natural e moderno da infertilidade, que teria como principal causa “A liberação sexual e a conquista de mercado por parte das mulheres (...)” (RAMÍREZ-GÁLVEZ, 2003, p.141).

Dessa maneira, no primeiro momento, as narrativas midiáticas apresentam modos e estilos de vida a serem comprados, para além do produto em si, pois os costumes tradicionais estão entrelaçados com o consumo, ponto ressaltado no trabalho de Almeida (2003) a respeito da educação do consumo presente na linguagem da televisão, mais especificamente, das novelas. A publicidade personificada na figura do médico implica na oferta da consolidação de uma família monogâmica e heterossexual, a partir da realização daquela “experiência central” tradicionalmente auferida à mulher: a maternidade (BAIRROS, 1995). Isso também aparece em um dos livros publicados por Abdelmassih, “Guia da fertilidade – Tudo que você precisa saber sobre reprodução”.<sup>5</sup> “O resultado final de todo tratamento para infertilidade conjugal é o bebê em casa” (ABDELMASSIH, 2008, p.96). “As mulheres devem aprender o que puderem sobre gravidez. (..) O mais importante é que a mulher se permita vivenciar a gravidez”. (idem, p.112).

Assim, de modo semelhante ao trabalho de Almeida (2003), o direcionamento da propaganda também são as mulheres, consideradas pela sociedade brasileira e reforçadas pela imprensa como aquelas que consomem, pois representam a figura familiar que ocupa o espaço doméstico e assiste televisão. Para constituir esse

---

<sup>4</sup> Matéria da Revista Istoé impressa, disponível online, intitulada “Abdelmassih lança guia da fertilidade”, do dia 14/07/2008, seção Agito. Disponível em: <https://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/464/artigo96695-1.htm>. Acessado em 16/04/2018.

<sup>5</sup> ABDELMASSIH, Roger. **Guia da Fertilidade** – Tudo o que você precisa saber sobre reprodução. São Paulo, Editora Spring, 2008.

direcionamento, as matérias têm a finalidade de reafirmar os elementos que compõem o “amor familiar”, no caso: mães e pais, como papéis esperados às mulheres e aos homens. Dessa maneira, o gênero aparece como instrumento de comparação na prática procriativa (STRATHERN, 1995), pois é construído na parentalidade. O papel do pai é de unicamente “colocar a sementinha” no óvulo da mãe. Por isso, a “ideia de um filho sem pai não provoca um sentimento de indignação moral” (idem, p.311), ao contrário, é para a mãe que isso se aplica. Assim, “A maternidade significa dar nutrição e dar à luz (..)” (idem, p.322), o cuidado dos filhos é reservado à mãe. É o desejo da mulher de ter um filho que possibilita o intercurso sexual ou, no caso, a procura pela clínica de fertilização.

Para Strathern, o clínico especialista em tratamento de fertilização pode adotar o papel semelhante ao do doador anônimo como agente facilitador e na ausência de qualquer outra intervenção criativa, o clínico pode se sentir o único criador. Há uma interferência da ciência e de seus representantes na vida do casal que deseja ter filhos. Assim, “a concepção deixa de ser um ato privado, de práticas erótico/amorosas, para se constituir em um evento público com a participação de terceiros (equipe, clínica, doador/a) e com mediações profissionais e econômicas” (RAMÍREZ-GÁLVEZ, p.9, 2003). Para esta autora, a produção de saberes e a intervenção dos corpos através dos meios tecnológicos se apresentam enquanto políticas de controle. De certo modo, a técnica da fertilização *in vitro* compõe aquilo que Foucault (2012) salientou ao caracterizar a instigação dos discursos produzidos pelo dispositivo da sexualidade instaurado pelas “classes dirigentes”: “trata-se de novas técnicas para maximizar a vida” (FOUCAULT, 2012, p. 134). É o espetáculo do bebê de proveta.



“Hebe, com um boneco no colo, se diverte com o médico Roger Abdelmassih<sup>6</sup>”.

### **O retrato de “especialista” se desintegra aos poucos: de “grande médico” para “estuprador em série”**

A abordagem similar presente nas matérias do primeiro momento está ausente no segundo momento, pois o último apresenta picos diferenciados de notícias, de acordo com o período situado na história criminal de Abdelmassih. A reportagem de página inteira no caderno cotidiano da Folha de São Paulo<sup>7</sup> é um divisor de águas, pois pela primeira vez, o inquérito sobre as denúncias feitas, até então, por oito ex-pacientes e uma ex-funcionária é divulgado.

As suspeitas de crimes sexuais cometidos pelo médico Roger são reveladas na imprensa hegemônica, e mais ainda, há uma comoção nacional, ao ponto da matéria do dia seguinte do mesmo jornal conter uma nota sobre a resposta de Abdelmassih. Além disso, a repercussão desta reportagem propiciou que outras vítimas recorressem à 1ª Delegacia de Defesa da Mulher (1ª DDM) para denunciá-lo, ou seja, a partir da leitura das falas das vítimas presentes na matéria, outras vítimas do mesmo médico se reconheceram nos atos e práticas perpetrados por ele, e/ou se encorajaram a falar, seja denunciando ou expondo publicamente.

---

<sup>6</sup> Fonte: Revista Istoé, seção Comemoração, intitulada “Festa da fertilidade: Roger Abdelmassih reúne estrelas como Hebe e Luciana Gimenez no jantar para celebrar os 30 anos da fertilização *in vitro* e homenagear Louise Brown, o primeiro bebê de proveta do mundo”, do dia 19/11/2007. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/429/artigo66549-1.htm>. Acessado em 28/11/2018.

<sup>7</sup> Ver 2ª nota.

Dentro da segunda fase, há cinco ondas. A primeira onda se refere às notícias de janeiro e fevereiro de 2009 que apresentam um caráter duvidoso quanto às acusações infringidas ao médico Abdelmassih. Os discursos narrativos são permeados pela suspeita de prática de crimes sexuais e aparece principalmente o crime de atentado violento ao pudor. Enquanto as vítimas vão tomando corpo, sendo ouvidas e aparecendo aos poucos nas narrativas midiáticas, o réu e sua defesa alegam que as histórias das vítimas são “fantasiosas” e questionam a demora da denúncia para casos de mais de nove anos<sup>8</sup>. A colocação dos dois lados ocorre devido ao caráter duvidoso, para evitar possíveis constrangimentos jornalísticos caso a suspeita não seja comprovada ou seja negada.

Enquanto a primeira onda, de modo geral, se utiliza do termo “acusação de”, a segunda onda concretiza essa acusação ao alterar por “acusado de”. Isso se deve ao surgimento de um elemento novo na história criminal de Abdelmassih: sua prisão preventiva, em 17 de agosto de 2009, para evitar que fossem cometidos mais crimes sexuais por ele. Na segunda onda, as matérias apresentam um tom alarmante e, de certo modo, deixam de apresentar um caráter duvidoso, tendo em vista a comprovação da suspeita. Assim, é narrado o percurso da defesa na tentativa de livrá-lo da prisão, como o pedido de habeas corpus, negado quatro vezes pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Além disso, a postura do CRM (Conselho Regional de Medicina) de suspensão de seu registro enquanto médico e as irregularidades na clínica, como redução embrionária e troca de embriões, apontadas pelo CREMESP (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) constituem mais elementos, além da prisão, para a caracterização do declínio de Abdelmassih, aos poucos sendo engendrado.

As reportagens desta onda, de um modo geral, tendem a focar o lado das vítimas, propiciando a personalização de seus rostos. Aqui, está presente a ideia utilizada por Butler (2011) de “rostos”, desenvolvida por Emmanuel Levinas, como

---

<sup>8</sup> Matéria impressa de meia página do cotidiano da Folha de São Paulo, intitulada “Fotógrafa é primeira a fazer acusação pública a médico”. A defesa de Roger está presente na seção ao lado da matéria principal, “Outro lado: Advogado de médico questiona acusação ser feita 9 anos depois”, do dia 17/01/2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u491204.shtm>, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1701200911.htm>. Acessado em 18/04/2018.

expressão de mandamento que direciona reivindicações morais. Assim, o discurso delas é moralmente vinculante, e de certo modo, representa a dor do outro que demanda uma resposta (DAS, 1999). Exemplo disto está na matéria da revista Época: “Eu não sou uma vítima sem rosto”<sup>9</sup> sobre o depoimento de uma ex-paciente.

Em meio ao processo, houve uma mudança de lei, no dia 7 de agosto de 2009, sobre a tipificação penal de estupro. Com a mudança, a definição anterior de estupro: “constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça” incorporou o tipo penal de atentado violento ao pudor, o ato de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal”. Dessa maneira, há uma ampliação da categoria criminal de estupro para outras práticas tidas como sexuais para além da penetração vaginal. Esta mudança é citada na seção “Saiba mais” de uma matéria do jornal Folha de São Paulo<sup>10</sup>. Apesar da mudança de lei, as acusações infringidas ao Abdelmassih foram praticadas antes da alteração.

Dessa maneira, ele é condenado em novembro de 2010 a 278 anos de prisão pela juíza Kenarik Boujikian Felipe, acusado por 58 delitos contra 39 vítimas, sendo 56 atentados violento ao pudor e 2 estupros. Embora a quantidade praticada do crime de atentado violento ao pudor seja maior, as narrativas midiáticas adotam uma preferência pelo termo “estupro”, podendo ser justificada pela intenção de atrair o público através do personagem estuprador.

Este é um exemplo de alteração nas concepções sobre violência e estupro ao longo do tempo, argumento presente em Vigarello (1998). Ele realiza um percurso histórico da definição de estupro: inicialmente associada ao crime de honra, para posteriormente representar ameaça à moral dos bons costumes, ao passo que hoje está relacionada a dignidade sexual. Na mesma linha de Vigarello (1998), Vieira (2011)

---

<sup>9</sup> Matéria impressa da revista Época, também disponível online em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI89283-15228,00-EU+NAO+SOU+UMA+VITIMA+SEM+ROSTO.html>.

Publicada no dia 22/08/2009, na seção sociedade. Acessado em 18/04/2018.

<sup>10</sup> Matéria impressa de página inteira do cotidiano da Folha de São Paulo, intitulada “Abdelmassih sempre foi ético, diz advogado”. A seção “saiba mais” está no rodapé da página e apresenta o seguinte título “Conceito de estupro mudou no início do mês”, do dia 20/08/2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2008200902.htm>.

Acessado em 18/04/2018.



ressalta o uso do termo estupro enquanto categoria histórica social. A autora apresenta violência sexual como “um processo social que envolve diferentes historicidades, tensões e trajetórias político-sociais” (VIEIRA, 2011, p.9). Dessa maneira, o enquadramento legal do crime se dá a partir da constituição dos diferentes tipos de estupros como categorias jurídicas, construídas a partir de interpretação e reprodução dos representantes jurídicos.

Apesar da condenação em 2010, Abdelmassih permaneceu com o habeas corpus e tentou renovar seu passaporte, o que denotou intenção de fuga para o Ministério Público e uma nova prisão foi decretada pela juíza. Ele não conseguiu renovar seu passaporte, mas ainda assim fugiu do país. A terceira onda é marcada pela fuga dele do Brasil, em janeiro de 2011. As matérias da terceira onda apresentam uma entonação justiceira, gradualmente se constituindo numa saga policial, elemento que tem seu auge na quarta onda, quando a investigação é concretizada. A terceira onda aborda novos crimes, como manipulação genética e sexagem. Além disso, há discursos dos filhos do ex-médico que reforçam a ideia de um pai ausente, rígido e manipulador, como presente em uma matéria da revista *Época*.<sup>11</sup>

O aparecimento desses elementos novos na terceira onda serve para reforçar a figura de “monstro”, que tem seu auge na quarta onda. Assim, a terceira onda é uma preparação para o clímax do horror, por isso, apresenta um caráter de suspense. A passagem da terceira onda para a quarta onda é marcada pela matéria da operação policial folhetinesca no Paraguai, do programa televisivo *Domingo Espetacular*<sup>12</sup>, da Rede Record, exibido em 24 de agosto de 2014. Esta matéria representa a vitória da saga policial, em especial do grupo Gaeco (Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado), que realizou a busca do foragido. A matéria narra todo o percurso

---

<sup>11</sup> Matéria impressa da Revista *Época*, intitulada: Soraya e Vicente Abdelmassih: "Só entendi meu pai depois de ler 'Mentes perigosas' " - A bióloga e o médico, filhos de Roger Abdelmassih, dizem que ele nunca foi capaz de sentir remorso e afirmam estar cumprindo a pena no lugar dele, publicada no dia 18/08/2012, seção entrevista. Disponível online em: <http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2012/08/soraya-e-vicente-abdelmassih-so-entendi-meu-pai-depois-de-ler-mentes-perigosas.html>.

Acessado em 18/04/2018.

<sup>12</sup> Reportagem televisiva disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tf-PGCuvpk4>. Acessado em 18/04/2018.

realizado durante a “caçada” a Abdelmassih, desde as suspeitas do Líbano até a descoberta de seu paradeiro e posterior apreensão policial em Assunção, capital do Paraguai.

A reportagem é um exemplo de jornalismo espetáculo (BERGAMO, 2006). O uso deste termo se deve a subdivisão do jornalismo, um dos campos de legitimidade da televisão, em jornalismo nacional e internacional, o “alto jornalismo”, e o jornalismo espetáculo, o “baixo jornalismo”, aquele que “(...) tem o crime como tema principal” (BERGAMO, 2006, p.323). O conceito de espetáculo utilizado por Bergamo é emprestado da Hamburger (2007), que pontua: “a noção de espetáculo vem carregada de tom de denúncia (...)”. (HAMBURGER, 2007, p. 125). Assim, “O espetáculo vai se definindo ao longo do texto quase como um pesadelo, (...) expressa a degradação do mundo real em mera imagem” (HAMBURGER, 2007, p.125). Para a autora, o termo se aplica em fenômenos midiáticos que repercutem na arena pública, logo, o caso de Abdelmassih se enquadra neste termo.

É a partir da exclusividade desta matéria na cobertura da operação que as demais redes televisivas também devem apresentar a mesma informação, como o programa *Fantástico*<sup>13</sup>. Isso caracteriza a “mentalidade-índice-de-audiência”, definida por Bourdieu (1997) como juízo final do jornalismo, em que há concorrência pela clientela, pela prioridade, ou seja, pelo furo da notícia. Essa lógica cria a homogeneização da produção coletiva dos jornais, desencadeando a circulação da informação.

A quarta onda representa o período narrativo em que Abdelmassih, estuprador e foragido, é encontrado. Isso ocorre em agosto de 2014, e desde o final de 2012, não havia notícias sobre o ex-médico. As matérias da terceira onda cobrem o início de 2011 até o final de 2012, depois o caso “some” da mídia. Dessa maneira, Abdelmassih reaparece nos discursos midiáticos como uma “jogada de mestre” e envolve todo um processo de investigação, captura e prisão. É o auge do horror e do personagem “estuprador em série”: o ameaçador de surpresa, o animal, o enganador (LOWENKRON, 2015).

---

<sup>13</sup> Reportagem televisiva disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/ex-dono-de-hospital-e-suspeito-de-enviar-dinheiro-abdelmassih.html>. Acessado em 18/04/2018.



“Abdelmassih chega a São Paulo após ser preso em 2014<sup>14</sup>”.

Me inspiro na categoria “monstro” desenvolvida por Lowenkrown (2015), que embora tenha utilizado para analisar a figura do pedófilo, considero pertinente para pensar nas imagens midiáticas que desenham Roger Abdelmassih como um estuproador. A categoria “monstro” se refere àquele que assusta, é o ameaçador de surpresa, é quem engana mulheres que fantasiam a maternidade. Para a autora, a construção do personagem “monstro” se dá na articulação entre o espetáculo político-midiático e as práticas policiais rotineiras.

Assim, o estupro é construído enquanto problema social e, a partir de Foucault, a autora salienta que as tecnologias positivas de poder constituem o personagem

---

<sup>14</sup> Fonte: Portal online “Uol”, intitulado “Abdelmassih oferecia rejuvenescimento proibido de óvulos, diz TV”, do dia 03/07/2016, seção Cotidiano. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/07/03/abdelmassih-oferecia-turbinagem-de-ovulos-proibida-diz-fantastico.htm>. Acessado em 28/11/2018.

social estuprador. Para ela, o perfil de monstruoso desrespeita “os principais critérios – responsabilidade, consentimento e igualdade – que definem o sexo livre, seguro, digno e legítimo, de acordo com a doutrina dos direitos humanos”. (LOWENKRON, 2015, p.63). Assim, aparecem três modelos de regulação da sexualidade: a moralidade religiosa, a racionalidade médica e a regulamentação jurídica. O indivíduo monstruoso representa o desvio das normas de conduta. Dessa forma, para que o personagem “estuprador em série” Abdelmassih seja caracterizado, os seus antigos laços morais religiosos, a ciência médica e as regras jurídicas, constituintes do personagem “grande médico”, são rompidos na produção de novos discursos midiáticos que enfatizam sua personalidade perversa: péssimo pai, esposo ausente e clínico irresponsável.

As ex-pacientes que denunciam o médico se tornam cada vez mais vítimas incontestáveis quando mostram o rosto e a identidade nas matérias, relatando os casos em primeira pessoa. Dessa maneira, constroem suas identidades enquanto vítimas a partir da produção de seus discursos narrativos da violência e do sofrimento, entendendo aqui a violência enquanto ato multivocal, que ultrapassa a fronteira e não é transparente (DAS, 1999). As vítimas se reuniram nas redes sociais, como Facebook e bate-papo do UOL, e este elemento funciona enquanto auxiliador do acolhimento e transformação da dor em formas de “luta por justiça” (FARIAS; VIANNA, 2011). Elas se comunicavam a cada nova descoberta na investigação e reuniram documentos que foram fundamentais para a recaptura do ex-médico.

O auge do horror no personagem “monstro” e o ápice da comoção moral das vítimas marcam o ano de 2014 e aos poucos se desfaz nos anos seguintes, pois Roger permanece preso e não aparece nenhum elemento novo. Ainda na quarta onda, há uma matéria da revista *Piauí*<sup>15</sup>, intitulada “Eu era o melhor”, que se refere à fala de Abdelmassih ao ser entrevistado pela jornalista Daniela Pinheiro, na cadeia. O ex-médico se posiciona enquanto “galanteador prepotente” e vítima da inveja dos concorrentes. Assim, para ele, suas práticas sexuais foram todas consentidas, denotando sexo e não estupro.

---

<sup>15</sup> Revista impressa *Piauí*, número 107, “Eu era o melhor” – Roger A. fala da vida na prisão, dá sua versão sobre as acusações de estupro e se diz vítima da inveja dos concorrentes, matéria da capa, do dia 09/08/2015.

Por fim, a quinta e última onda nasce a partir do requerimento ao indulto humanitário por parte da defesa de Roger que alega a deterioração do seu quadro de saúde. Ele é internado, não consegue o pedido de indulto humanitário, mas, no dia 21 de junho de 2017, conquista o direito de cumprir prisão domiciliar. A partir de fevereiro de 2018, a concessão de prisão domiciliar se tornou definitiva. Dessa forma, a última onda é recente e ainda está em ação. Isto demonstra como a produção e reprodução de discursos e narrativas midiáticas estão em constante processo de transfiguração e representação no plano simbólico, próximo ao movimento de transformações da sociedade. As imagens midiáticas funcionam enquanto produtoras e produtos de “realidades” (ROSSI, 2017).

## **Conclusão**

Em síntese, a bibliografia sobre estupro no Brasil mostra como a condenação é rara, pois o sistema jurídico avalia antes a moralidade sexual pregressa da vítima do que o fato em si (Vieira, 2011, Ardaillon e Debert, 1987). Considerando a forma como as vítimas foram retratadas na mídia, pois além dos seus rostos que vão aparecendo aos poucos, há um alarme das recorrências e da quantidade de vítimas, nota-se que a construção de sua inocência foi fundamental para justificar publicamente a condenação.

Dessa forma, as narrativas de violência produzem os sujeitos “vítimas”, mas também, para este caso, os discursos midiáticos incorporam essas narrativas com a finalidade de formar personagens jurídicos: o réu e as vítimas, caracterizando o crime. Quanto ao personagem réu, a transformação da imagem de “grande médico” em “estuprador em série”, faz parte da montagem do cenário criminal construído pela imprensa hegemônica, que atua auxiliando na condenação deste caso de estupro.

É o médico “salvador da pátria” que vira um vilão galanteador, prepotente e que abusou sexualmente de suas pacientes, mas também as enganou ao destruir o sonho delas enquanto mulheres brasileiras e bem-sucedidas: a maternidade. Há feminilidades e masculinidades em jogo, por isso, as relações que permeiam a personagem réu e a personagem vítima demonstram que fantasias de poder são fantasias de identidade,

como salientou Henrietta L. Moore (2000). Nesse sentido, este caso não destoa dos tratados na bibliografia, porque sua condenação refere-se também a construção simbólica do réu e das vítimas.

## **Bibliografia**

ABDELMASSIH, Roger. **Guia da Fertilidade** – Tudo o que você precisa saber sobre reprodução. São Paulo: Editora Spring, 2008.

\_\_\_\_\_: **Tudo por um bebê**. Editora Globo, 1999.

ALMEIDA, Heloisa. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela, **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, v.15, n.1, p. 177-192, 2007.

\_\_\_\_\_: **Local, Global**. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2013.

\_\_\_\_\_: **Telenovela, consumo e gênero - “muitas mais coisas”**. Campinas, SP: EDUSC, ANPOCS, 2003.

\_\_\_\_\_: Trocando em miúdos: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n.79, 2012.

ALMEIDA, Heloisa Buarque & Marachini, Laís Ambiel. De médico e de monstro: disputas em torno das categorias de violência sexual no caso Abdelmassih. **Cadernos Pagu**, n.50, 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n50/1809-4449-cpa-18094449201700500020.pdf>>. Acesso em 28 nov. 2018.

ARDAILLON, Danielle; DEBERT, Guita Grin. **Quando a vítima é mulher – Análise de julgamentos de crimes de estupro, espancamento e homicídio**. Brasília, DF, 1987.

BAIROS, Luíza. Novos Feminismos Revisitados. **Revista de Estudos Feministas**, (UFSC. Impresso), Florianópolis, vol. 3, n.2, p.458-463, 1995.

BERGAMO, Alexandre. Imitação da ordem – As pesquisas sobre televisão no Brasil. Tempo Social. **Revista de Sociologia da USP**, v.18, n.1, p. 303-328, junho/2006.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_: Vida precária. **Revista de Sociologia da UFSCar** - Contemporânea, Dossiê Diferenças e (Des)Igualdades, n.1, p.13-33, Jan-Jun. 2011.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas

wittgensteinianos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 40, jun. 1999.

\_\_\_\_\_: O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, 2011, n.37, p. 9-41. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a02n37.pdf>>. Acesso em 28 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade – A vontade de saber**, v. 1. Rio de Janeiro, Graal, 2012.

HAMBURGER, Esther. Violência e pobreza no cinema brasileiro recente – Reflexões sobre a ideia de espetáculo. **Revista Novos Estudos**, n.78, p.113 a 128, julho/2007.

LOWENKRON, Laura. **O monstro contemporâneo: a construção social da pedofilia em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

RAMÍREZ-GÁLVEZ, Martha. Fabricando bebês, vendendo ilusões. In: **Ciências na vida – Antropologia da ciência**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, p.203-226, 2012.  
\_\_\_\_\_: **Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: Fabricando a vida, fabricando o futuro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ROSSI, Túlio Cunha. Feminilidade e suas imagens em mídias digitais – Questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. **Tempo Social**, v.29, n.1, Abril/2017.

SARTI, Cynthia. A vítima como figura contemporânea. **Caderno CRH** (UFBA. Impresso), v. 24, p. 51-61, 2011.

STRATHERN, Marilyn. Necessidade de pais, necessidade de mães, **Revista Estudos Feministas**, n.2, p. 303-330, 1995.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu** (UNICAMP. Impresso), v. 37, p. 79-116, 2011.

VIEIRA, Miriam: **Categorias jurídicas e violência sexual: uma negociação com múltiplos atores**. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2011.

VIGARELLO, Georges: **História do Estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX**, Rio de Janeiro, Ed Zahar, 1998.

VILARDAGA, Vicente. **A clínica** - a farsa e os crimes de Roger Abdelmassih, Editora Record, 2016.